

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS  
DIREÇÃO DE ARTE

LUÍSA MARTINS FERREIRA

**AVESSO: BORDANDO UM FILME-ENSAIO COM A MINHA AVÓ**

GOIÂNIA

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS  
DIREÇÃO DE ARTE

LUÍSA MARTINS FERREIRA

**AVESSO: BORDANDO UM FILME-ENSAIO COM A MINHA AVÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Direção de Arte da Universidade Federal de Goiás como requisito à conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Benedito Ferreira

GOIÂNIA

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS – EMAC  
CURSO DE DIREÇÃO DE ARTE  
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 28 dias do mês de junho do ano de 2018,  
reuniu-se a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do/a  
discente LUISA MARTINS FERREIRA,  
intitulado AVESSO: BORDANDO UM FILME-ENSAIO  
COM A MINHA AVÓ

A banca foi composta pelo/a orientador/a BENEDITO FERREIRA,  
e os avaliadores convidados  
ALEXANDRE NUNES E  
FABIANA ASSIS

sendo presidida pelo Docente Orientador de TCC. Após a exposição oral, o/a  
discente foi arguido pelos componentes da banca que se reuniram reservadamente  
e decidiram APROVAR (aprovar/reprovar) o trabalho com nota  
100. Para constar, redigi a presente Ata, que aprovada por todos os  
presentes, segue assinada por mim, presidente da banca e demais membros  
avaliadores.

Benedito Ferreira

Presidente da Banca/Orientador

Alexandre Nunes  
Avaliador 1

Fabiane O. Assis  
Avaliadora 2

LUÍSA MARTINS FERREIRA

**AVESSO: BORDANDO UM FILME-ENSAIO COM A MINHA AVÓ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Direção de Arte da Universidade Federal de Goiás como requisito à conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II.

BANCA EXAMINADORA

---

Alexandre Silva Nunes – EMAC/UFG

---

Benedito Ferreira dos Santos Neto – EMAC/UFG

---

Fabiana Assis

## **AGRADECIMENTOS**

À minha avó, Beatriz, que foi a pessoa que me inspirou a começar esse trabalho, por ter me ensinado o ponto cruz, por ter me feito companhia nos dias que fui lá em Uberaba e por ter lidado de forma tão natural com as gravações.

Ao Deco, que me emprestou as câmeras, sem ele também não seria possível a realização desse filme.

À Abadia, que me acolheu e me alimentou nos dias que fiquei na casa da minha avó.

À Márcia e à Tetê, que também me introduziram nesse mundo do trabalho manual.

À toda família de Uberaba pelas ajudas, companhias e conversas.

À minha família, minha mãe, meu pai e minha irmã, pelo apoio quando eu não sabia mais direito para onde seguir.

Ao meu orientador, Benedito, que fez com que eu me encontrasse mais com meu lado artístico.

E à Deus, à força maior do universo que sempre me acompanha.

**RESUMO:** Esse artigo teve como objetivo a feitura de um filme-ensaio intitulado “Averso”, que transita no universo de minha avó, Beatriz, e sua relação com a arte do bordado. Assim como também apresenta a minha relação com ela, com o bordado e a nossa vivência como avó/neta. O ato de bordar se qualifica como trabalho manual, o que estabelece uma presença de seu criador desde sua idealização até a materialização, transformando-o assim, em uma obra de arte. De forma equivalente, o cinema também possui essa característica, sendo possível observar a presença de seu autor, no caso diretor, em seu filme. Sendo assim, a escolha em realizar um filme sempre esteve presente nessa pesquisa, pelo fato de ser demonstrado um trabalho manual, e pelas diversas possibilidades que o terreno no audiovisual pode oferecer. Uma dessas alternativas é o filme-ensaio, que se caracteriza como um formato audiovisual que percorre os gêneros de ficção e documentário, propondo reflexões, provocadas pelo realizador, entre o filme e o público. A trajetória de um filme-ensaio não termina apenas na concretização do mesmo, é apresentado um diálogo para quem vier a assistir, conectando o raciocínio do espectador com o que o filme pretende passar. Tecendo as linhas dos pensamentos como o bordado tece as linhas no tecido. “Averso” é um curta-metragem de nove minutos, com um caráter observacional e preenchido com silêncios e ruídos, assemelhando-se ao ato de bordar. Minha posição como neta e como atuante de frente às câmeras, e a exibição de imagens de arquivo, trazem também uma natureza familiar que proporciona uma identificação e aproximação do público ao assisti-lo.

**Palavras-chave:** Bordado; filme-ensaio; processo.

**ABSTRACT:** This article aims to explain the making of an essay film entitled ‘Avesso’ (Back), which takes place in the universe of my grandmother, Beatriz, and her relationship with the art of embroidery. It also portrays my relationship with her, with embroidery and our experience together as grandmother and granddaughter. Embroidery is a craft as its creator is present from the idea to its materialization, transforming it into a piece of art. Similarly, cinema also has the characteristic of making it possible to identify the presence of its creator, in this case, the director of its film. So, making a film has always been a part of this research because it demonstrates a craft and because of the many possibilities audiovisual productions can offer. One of those alternatives is the essay film, an audiovisual format that combines fiction and documentary, and encourages audience’s reflection. An essay film does not end on its closure, as whoever is going to watch it is invited to join a dialogue between the viewer’s thoughts and what the film wants to say. Provoking thoughts the same way as embroidery sews patterns on cloth, ‘Avesso’ is an observational short film lasting nine minutes and filled with silences and noises resembling those from embroidering. By showing myself as a granddaughter and as someone who performs in front of the camera, and by additionally presenting archive images, the film shows a familiar feeling to which the audience can relate.

**Key-words:** Embroidery; essay film; process.

**FERREIRA, Luísa Martins<sup>1</sup>**  
Graduanda em Direção de Arte – UFG/EMAC

**SANTOS NETO, B. F.<sup>2</sup>**  
Professor Orientador – UFG/EMAC

## **AVESSO: BORDANDO UM FILME-ENSAIO COM A MINHA AVÓ**

### **INTRODUÇÃO**

Desde pequena sempre vi minha avó, Beatriz, bordando alguma coisa. Ainda não entendia o que era aquilo que ela fazia, mas apareciam desenhos bonitos em panos de prato, toalhas etc. Muito tempo passou e eu apenas no ato de observação, até que um dia cheguei em minha avó, como uma criança curiosa, e perguntei a ela como fazer tal coisa. Não sabia que um simples interesse abriria uma porta para uma área tão abrangente e rica como a do trabalho manual. Quando dei por mim, estava observando o mundo de uma forma diferente, prestando atenção nos detalhes das roupas, dos jogos de cama e mesa, conhecendo os nomes das técnicas e procurando saber mais a respeito dos pontos, mais especificamente os utilizados no ato de bordar.

O primeiro ponto de bordado que aprendi foi o chamado ponto de cruz (fig. 1), em que minha avó é especialista. Trata-se de um bordado em um tipo específico de tecido de nome etamine, e em seu modo de bordar, os pontos ficam em um formato de “x”, por essa razão o nome ponto de cruz. Aprendido o ponto, segui nessa aventura a caminho do bordado. Antes de começar, nunca havia pensado em como nem porquê se fazer isso, mas muito além de formar um desenho bonito em um tecido, o ato de bordar é uma terapia.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso Direção de Arte – **Escola de Música e Artes Cênicas** – Universidade Federal de Goiás – ferreiraluisa4@gmail.com

<sup>2</sup> Orientador e docente do curso Direção de Arte – **Escola de Música e Artes Cênicas** – Universidade Federal de Goiás - bfeneto@gmail.com

Figura 1 – Bordado em ponto de cruz



Fonte: Elaborada pela autora

Assim como todo trabalho manual, há um procedimento antes de se começar a bordar de fato. Primeiro escolhe-se o desenho, o que fazer, o que bordar? Depois o tecido para onde esse bordado irá. Definidos esses primeiros passos agora é passar o desenho para o tecido, ou no caso do ponto de cruz, contar os pontos que serão utilizados no etamine. Em seguida é a parte da escolha das cores das linhas de seu bordado e a partir daí começa a relação dos fios com o tecido e agulha; com o tempo e com a(o) bordadeira(o). A pessoa que borda entra em ação com seu trabalho do início ao fim do processo de criação, e tratando-se de um trabalho manual, a pessoa possui em mãos sua própria obra. Uma obra que possui um pedaço de sua(seu) criadora(o); possui uma parte de seu tempo gasto, da energia posta e da satisfação ao ver realizada aquela idealização de princípio.

Só depois de passar por todo esse movimento é que percebi o contentamento em realizar um bordado e compreendi uma justificativa do porquê minha avó fazia aquilo. Mais do que estética, o bordado é terapêutico<sup>3</sup>. Permite a total concentração em um trabalho manual podendo observar seu surgimento até a efetivação, é um momento único de criador e sua obra. Falo apenas do bordado pois foi o que experienciei, mas todo trabalho manual, artesanal, possui essa característica em comum. É possível ver um pouco do criador em sua composição.

Nesse segmento, vale lembrar que o cinema, o ato de se fazer um filme, também é uma obra de arte. O criador, no caso diretor do filme, do mesmo modo mantém esse contato com sua criação do início ao fim. É possível identificar (assim como uma produção artesanal) uma característica de seu criador em seu filme. A influência do diretor na representação da realidade

---

<sup>3</sup> FONSECA, Erika Luiza. ARTEREVISTA, n. 5, jan./jun. 2015, p. 43-56

se torna uma percepção subjetiva, uma obra de arte<sup>4</sup>. “A imagem fílmica proporciona, portanto, uma reprodução do real cujo realismo aparente é, na verdade, dinamizado pela visão artística do diretor” (MARTIN, 2003, p. 25).

O cinema é um meio de contar histórias, por meio dele e seus artifícios nos é permitido uma experiência visual afetiva, que nos coloca em posição de fascínio diante da tela. Tal deslumbramento ocorre, especialmente, por conta do fenômeno denominado *fotogenia*, que pode ser definido como o “aspecto poético extremo dos seres e das coisas, suscetível de nos ser revelado exclusivamente pelo cinema” (DELLUC, Louis, apud MARTIN, 2003, p. 26).

Dessa forma, procuro realizar um filme-ensaio, um gênero que se mistura entre a ficção e o documentário. As pessoas que aparecem podem ser classificadas como “atores sociais” (NICHOLS, 2012, p.31), mas não se enquadram no estilo mais conhecido como tradicional do documentário, em que são apenas expostos ou acontece um tipo de entrevista. No filme-ensaio realiza-se uma reflexão durante sua execução, essa que perdura até depois de sua exibição, integrando os espectadores no processo desse ensaio.

O filme-ensaio pode ser classificado como “uma reflexão diante imagens, realizada por meio de uma série de ferramentas retóricas que se constroem ao mesmo tempo que o processo de reflexão” (Català, 2005. Apud ALMEIDA, 2017). Ao aproximar isso do bordado, é possível propor uma relação entre as linhas de pensamento com as linhas construídas por meio das agulhas e tecido. Além de um filme com essas características, minha própria família se encontrará envolvida, propondo um diálogo com o público sem que haja uma perda dessa natureza familiar que circunda o filme.

Um filme com essas configurações, cabe na estrutura de obra de arte. Por ser acompanhado de sua realizadora desde o princípio até o final. Não é um trabalho manual e artesanal, mas um trabalho reflexivo e intuitivo, assim como o bordado. De qualquer maneira, o produto que nos chega, o resultado que se conclui a partir disso se enquadra como uma obra de arte. Uma obra que produz seus frutos, que procura transmitir suas considerações e pensamentos para aqueles que virão a usufruí-la.

---

<sup>4</sup> MARTIN, Marcel. A Linguagem Cinematográfica. 2003. P. 24

## 1. PORQUÊ UM FILME?

“O cinema é um artifício” (BERNADET, 1981). Ponderando essa declaração, o cinema pode ser considerado como um meio manipulativo de se contar uma história. As imagens conseguem passar sentimentos e situações independente de palavras as acompanhando. Uma montagem dessas imagens de forma mais expressiva

Busca exprimir por si mesma um sentimento ou uma ideia; já não é mais um meio, mas um fim. Procura produzir constantemente efeitos de ruptura no pensamento do espectador, fazê-lo saltar intelectualmente para que seja mais viva nele a influência de uma ideia expressa pelo diretor e trazida pelo confronto dos planos (MARTIN, 2003, p. 132-133).

Não procuro aqui afirmar que o cinema não precisa da linguagem falada para existir, mas sim salientar que existem diferentes meios de exteriorizar uma perspectiva, um ponto de vista e/ou um pensamento, além da palavra dita. Por se tratar ainda de um filme-ensaio, a intenção colocada na montagem deste é de apresentar as imagens em busca da transmissão de sentimentos que elas mesmas possam evocar em quem assiste, e até mesmo em mim, que as produzi.

A feitura de um filme sempre esteve presente em minha cabeça na hora de compor esse trabalho. “O cinema dispõe de uma linguagem ao mesmo tempo sutil e complexa, capaz de transcrever com agilidade e precisão não só os acontecimentos e os comportamentos, mas também os sentimentos e as ideias” (MARTIN, 2003, p. 238). Posto que o que há de ser mostrado, inclusive, trata-se de um trabalho manual e artístico (o ato de bordar), o vídeo me pareceu a melhor maneira de exprimir isso.

O fato de ser possível transformar os arquivos e materiais que tenho, moldando-os e conectando-os a fim de realizar uma ressignificação de suas intenções originais, traduz, ao meu ver, o aspecto mais intrigante na hora da realização de um filme. Ainda mais por se tratar de uma produção tão íntima, expondo um ambiente familiar e pessoal em que faço parte. Mostrar uma parte daquilo que sou e que vivo, para mim, não haveria maneira melhor do que utilizar desse terreno do audiovisual, que pode ser explorado de tantos modos sem necessariamente haver uma regra absoluta.

## 1.1 SOBRE A REALIZAÇÃO DE UM FILME-ENSAIO

De início, é sempre muito difícil a construção de um contexto e cenário para um filme-ensaio. As frustrações se iniciam no momento das escolhas sobre o que se colocar, onde colocar e como colocar. Qual gravação fica em primeiro plano e se vai haver uma voz sobrepondo tal foto ou vídeo. Ao se tratar de um projeto pessoal, nesse início me encontrei bastante vaga e distante do ponto de partida do filme e trabalho. A empolgação de se produzir um filme-ensaio pareceu-me distante, como se não conseguisse mais encontrar qual a justificativa, qual o porquê desse filme ser feito.

Contudo, percebi que o filme-ensaio desperta no momento em que começa-se a observar o que existe de conteúdo e em qual forma colocar isso tudo para resultar em um formato acessível e apreciável, sem que necessariamente haja uma linha do tempo coerente com a realidade, dito que passado e presente podem relacionar-se de maneira não óbvia formando os pedaços do que virá a ser um filme no futuro.

O ensaio não partilha da crença na totalidade enquanto imediatamente dada, nem na indiferença entre o conteúdo e sua forma de exposição. Mas ele também contraria outro fundamento da ciência moderna, [...] a identidade entre sujeito e objeto. O procedimento de separação e posterior adequação entre esses dois pólos não é obedecido pela escrita ensaística. Ela desestabiliza as posições de ambos, situando-os em uma zona turva e pouco definida. O objeto ora pode constituir-se do próprio sujeito que escreve, ora lhe ser exterior, mas é sempre capaz de agir sobre ele. (SIQUEIRA, Marília Rocha De, 2006, p. 25).

À vista disso, ao separar fotos antigas, filmagens de arquivo familiar, acrescentada às gravações de vídeo recentes, uma orientação em meu raciocínio foi se manifestando para então iniciar a pensar em como organizar esse material.

Ao principiar a escrita da organização desse filme, novas ideias surgem a partir de uma intuição, relacionando os momentos vividos de minha memória com aqueles registrados, e ainda com aqueles que vão existir e serão experimentados e igualmente registrados (ou não). O mais curioso de um filme-ensaio, ao meu ver, é a flexibilidade e a incerteza de sua realização. Por se tratar mais pontualmente de um processo de reflexão, o surgimento de inúmeras dúvidas é inevitável, o estímulo se dá ao começar a procurar os caminhos para rodear e igualmente integrar essas dúvidas e questionamentos ao encadeamento do filme.

A etapa da montagem, ou edição, do filme, se transforma em uma parte de junção de toda essa caminhada em direção à finalização do filme.

Por essa perspectiva, o princípio da montagem será o que mais fica evidente no resultado final por, efetivamente, propor uma costura com essas imagens e sons. Dizemos isso, pois o ensaísta audiovisual muitas vezes irá se valer de imagens deslocadas de seu âmbito original – produzidas por ele mesmo ou reapropriadas – com a intenção de alcançar outros sentidos ao justapor esses trechos de proveniências diversas no novo contexto. Dessa forma, as imagens revelam-se matérias em que se é possível modelar a forma e os contornos, e que podem ser recicladas pelo gesto da montagem (ALMEIDA, 2017, p. 273).

Ou seja, a montagem comporta-se como um mecanismo de reunião dos pensamentos, das reflexões e dos arquivos e materiais existentes, transformando-se enfim em um formato de filme-ensaio.

Como dito anteriormente, não há uma maneira específica de como orquestrar um filme-ensaio. A liberdade da criação e da conjugação ao efetuar-se um filme com tais características nasce e ativa-se em cada realizador de uma maneira diferente, e para além disso, relaciona-se também com o espectador que venha a assistir, tornando-o assim, único com sua própria visão e experiência, no meio da multidão, “em vez de guia-lo por meio de respostas emocionais e intelectuais, o ensaio pede a ele para se envolver individualmente com o filme e refletir sobre o mesmo assunto que o autor está meditando” (Rascaroli, 2009, p. 34, apud ALMEIDA, 2017)

Nesse sentido, o filme-ensaio convida o público a desempenhar uma reflexão junto com seu criador. E nesse estágio não existe um juízo de valores, não há uma forma correta de assistir e pensar a respeito desse filme. Cada indivíduo observa e aprofunda-se em si mesmo, em suas próprias memórias e vivências assemelhando-se ao que se passa na obra, manifestando ali uma relação única entre espectador e filme.

Minha intenção ao produzir esse filme-ensaio é despertar dentro de cada um que assista, a sensação principalmente de conforto. O filme tem o título de “Averso”, esse título consiste na representação daquilo que o filme transmite. O avesso se encaixa tanto na maneira de como o filme foi se edificando, quanto em sua vinculação direta ao bordado, pois o lado avesso do bordado em ponto de cruz é de tamanha importância tal qual o lado direito, atribuindo-se assim, relevâncias semelhantes para ambos os lados.

Dessa forma, no filme apresenta-se uma dupla perspectiva mostrando essa relação avó-neta, realçando o trabalho manual e a serenidade nesse processo da feitura do bordado, ao mesmo tempo que é feito um filme sobre isso, em utilização de meios tecnológicos e digitais. Essa relação se dá por meio da troca de conhecimentos entre esses dois mundos: o de minha avó me explicando como funciona o universo do bordado, e o de minha familiaridade com a

tecnologia utilizada no filme, introduzida para ela, no momento em que Beatriz faz uso da câmera para realizar uma gravação.

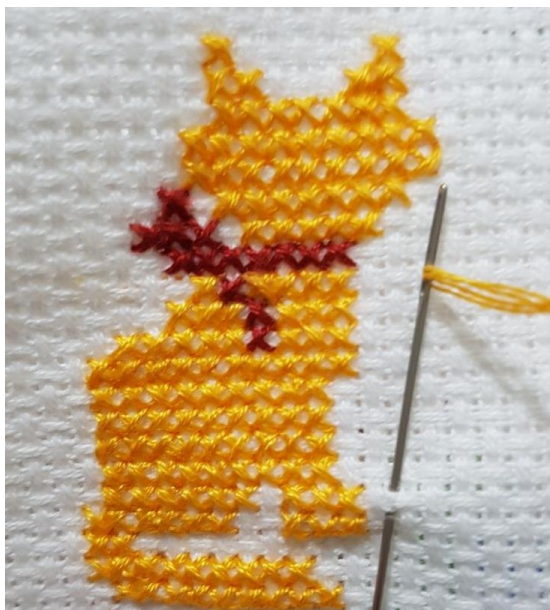
O filme também se apresenta sem uma linha do tempo cronológica acompanhando o passado, presente e futuro, revelando primeiramente imagens atuais para depois aparecerem imagens de arquivo, contrapondo a lógica esperada do tempo. Com o intuito de causar uma nostalgia positiva no íntimo de suas histórias e experiências, e passar o mesmo sentimento que senti ao sentar junto de minha avó para bordamos conjuntamente enquanto a tarde se passava sem termos a noção de quanto tempo transcorreu. Costurando tais reflexões, assim como as linhas do bordado se entrelaçam nos tecidos, para, por fim, colocar-se como um espaço e dimensão de apreciação.

## **2. O BORDADO**

Como dito no início deste artigo, meu encontro com o bordado foi por meio de minha avó e de uma simples curiosidade. Algo despertou em mim naquele dia e me fez ficar interessada no que ela fazia. Antes disso eu já havia tido alguns momentos em que notifiquei a existência dessa arte; na internet visualizei algumas coisas e mesmo na casa de minha avó, mas nada muito aprofundado, ao meu ver eram apenas tecidos com desenhos. Depois dessa proximidade que tive, minha visão a respeito dessa arte mudou.

Assim que aprendi a bordar o tal ponto de cruz (fig. 2), comecei a noticiar onde havia esse tipo de bordado ao meu redor, nas casas de outros familiares, nas roupas, toalhas etc. Descobri também que existem diversos tipos de pontos no bordado, e que o ponto de cruz na realidade não é o mais comum, como eu achava que era. De fato, é o que minha avó mais borda, mas no ramo geral do bordado não é o mais visto, e geralmente não é o primeiro ponto que se aprende quando se começa a bordar.

Figura 2 – Bordado em ponto de cruz feito pela autora



Fonte: Elaborada pela autora

Previamente já tive breve contato com a linha e a agulha, mas nada a ponto de formar um desenho primeiramente apenas imaginado, somente alinhavando ou só costurando um pedaço de tecido rasgado. O convívio com o bordado me fez perceber em qual grau ele é grandioso e significativo. Primordialmente, é uma arte; existe uma beleza estética na escolha das cores dos fios e do desenho a ser colocado em prática. É uma arte primitiva, que se iniciou com o intuito de proteção para depois ser adicionado um valor econômico e/ou estético<sup>5</sup>.

Mas acima disso, o bordado apresenta-se como um movimento introspectivo e de profundo autoconhecimento com quem se encontra com o tecido, as linhas e a agulha em mãos. Esse processo permite o autor do bordado ficar em contato em todo momento com sua obra, e exteriorizar sua essência por meio dessa arte (fig. 3 e 4). O momento em que se borda é um momento de fusão do autor com sua obra, colocando ali naquele desenho o tempo, a energia e um pedaço de quem o bordou. É um método terapêutico que concede ao bordador uma visão holística do que ele está fazendo.

O trabalho com bordado redimensiona a distribuição do tempo, a dedicação e a minuciosidade do ato favorecem a introspecção que é necessária para o contato com o subjetivo. As linhas e agulhas, unidas à produção manual formam uma trama, desembaraçam e organizam ideias à medida que possibilitam a representação de um

---

<sup>5</sup> FONSECA, Erika Luiza. ARTEREVISTA, n. 5, jan./jun. 2015, p. 43-56

objeto, de um símbolo. (FONSECA, Erika Luiza. ARTEREVISTA, n. 5, jan./jun. 2015, p. 43-56).

Essa subjetividade concede ao bordado um extrato de expressão do artista, classificando-o como uma verdadeira obra de arte. Albornoz (2002) diz que no trabalho manual é que o homem exerce sua atividade criadora, esse ato de criar, acrescenta para o bordado uma característica humana e transformadora. “A atividade prática material produtiva é um processo através do qual o sujeito vai se elevando até atingir sua plena autoconsciência” (ALBORNOZ, 2002, p. 66-67).

O bordado coloca-se nessa categoria de trabalho manual criativo, que engrandece a quem o produz, e vai contra o fluxo do atual estado de trabalho alienado do modo de produção capitalista. “Antes da própria atividade, pela imaginação, o homem já contém em si o produto acabado” (ALBORNOZ, 2002, p. 70), ou seja, minha avó passa por todo o processo de concepção até a execução de seus tecidos, mantendo esse contato direto com seu trabalho do início ao fim, algumas vezes indo até além, tendo consciência para qual destinação seu produto vai chegar.

É um momento de reflexão e sobretudo de concentração, como se o tecido e a agulha formassem extensões da consciência de quem borda. “(...) há um elo entre as mãos e o cérebro. Quando, por exemplo, rezamos um terço, quando temos as mãos ocupadas em um trabalho manual, quando temos alguma coisa entre nossas mãos, nosso mental, nossa psique, se acalma” (LELOUP, 2012, p.124, apud FONSECA, 2015 p. 43-56).

Perguntando para minha avó, ela confirma que o bordado é sim sua terapia. É uma forma que ela encontrou de passar o seu tempo, de ocupar-se com um trabalho. O bordado para ela é uma base fortíssima para seu bem-estar mental, muito mais do que só adornar tecidos. Somente bordando pude perceber qual a relevância daquele ato para a vida dela, e que agora aplico em minha própria vida. É de uma enorme satisfação todo tempo gasto e investido no caminho que se cria ao começar um bordado.

Figura 3 – A interação das mãos com a obra de arte



Fonte: Elaborada pela autora

Figura 4



Fonte: Elaborada pela autora

### **3. AS IMAGENS**

Para realizar as gravações em vídeo utilizei dois dispositivos de câmera diferentes, e as narrações foram por um microfone de celular, enquanto as conversas e música são do segundo dispositivo de gravação em vídeo. Não houve um roteiro planejado, algumas ideias já haviam surgido para mim, e seguindo essas ideias comecei a escrever apenas o que havia pensado em falar. Me baseando também nas experiências vividas nesses encontros com minha avó e com o bordado, além da relação com o próprio filme-ensaio e sua variabilidade de construção.

Minha avó mora em outro estado, na cidade de Uberaba-MG, dessa forma, eu tive que viajar para lá muitas vezes nessa fase de preparação. E por duas vezes em especial cheguei a ficar uma semana inteira convivendo com ela em sua casa. É muito mais genuíno perceber como o bordado faz parte da vida dela em observação de sua rotina. Sendo assim, nessas viagens fui me aproximando aos poucos e, além de observar, comecei a participar e interagir nas situações em que o bordar estava envolvido.

Somente vivenciando essas experiências é que um formato desse filme foi surgindo. E principalmente essas experiências de imersão na rotina. Visitá-la apenas nos finais de semana e/ou nos feriados não proporciona a mesma introspecção do que passar um tempo acompanhando seu dia-a-dia, e foram nesses momentos que capturei a maioria das imagens do filme. Quanto a relação de minha avó com a câmera, ela não se incomodava ao ser filmada enquanto bordava, a presença de um dispositivo estranho à sua realidade ali não lhe causou desconforto, o que trouxe uma maior naturalidade ao que foi capturado.

#### **3.1 BORDANDO O FILME-ENSAIO**

A etapa seguinte constitui-se na montagem das imagens capturadas. Esse processo compreende a junção de toda a bagagem vivenciada anteriormente; a costura dos momentos registrados, a fim de dar um corpo e uma sequência para o filme. Ao rever tudo o que tinha: imagens, vídeos e arquivos, diversas ramificações e direções foram se abrindo para onde esse filme poderia correr, e aos poucos também um desenrolamento foi surgindo.

Ao longo da construção desse filme, analogamente vieram as etapas referentes à concepção de um bordado. Acho interessante aqui, realizar uma correspondência entre essas duas formas de criação artística. As primeiras partes na realização de um bordado, se resumem

em escolhas a respeito do que irá ser passado para o tecido, assim como no filme, qual tema será abordado, uma análise entre o que se tem com o que vai ser feito.

As linhas e as agulhas do bordado se relacionam com as imagens e áudios registrados. Se transformam em ferramentas para a organização do resultado, esses instrumentos orquestrados trabalham juntos em uma engrenagem para a formação e realização do filme, da mesma forma que um bordado. Sendo assim, minha relação com esse filme foi sendo construída desde o início, na concepção, onde ainda haviam muitas ideias e caminhos sem, no entanto, estarem trançadas, como uma linha no tecido.

Ao se iniciar uma montagem do filme, por se tratar de um filme-ensaio, eu soube que não haveria necessariamente uma parte inicial e/ou final. Ao longo da montagem, as imagens e textos iriam me proporcionar uma visão melhor. Não havia um roteiro pré-definido, nem escolhas rígidas de planos. Houveram sim, momentos que foram anteriormente pensados para serem filmados, mas também aconteceu de coisas novas surgirem no processo de filmagem e de outras ficarem suspensas. Em “Averso” levei muito em consideração a naturalidade e a espontaneidade. A composição do filme-ensaio pode ser caracterizada como algo que abarca “o imprevisível que ultrapassa as determinações rígidas do roteiro” (SIQUEIRA, 2006, p. 33)

Quanto ao texto narrado, foi previamente pensado, mas também sofreu alterações e algumas adições ao longo do processo da montagem. De início o texto me pareceu muito formal para o que eu pretendia mostrar, muito ensaiado, o que se distanciava dos diálogos presentes nas imagens. Dessa forma, escolhi modificar algumas palavras a ponto de trazer uma maior organicidade. Como por exemplo, no minuto 2:54 do filme, a parte narrada diz “um dia ela tava lá bordando e eu perguntei: Vó, como faz isso aí?”, originalmente eu havia escrito “Até que um dia, genuinamente, pedi para ela me ensinar como fazer isso”. Essa pequena mudança nas palavras provoca uma transformação na forma de apreciar o filme, trazendo uma maior aproximação com o cotidiano.

Como já mencionado anteriormente, esse campo audiovisual do filme-ensaio, não se subordina necessariamente a regras e preceitos programados.

Não há ensaio que não seja de algum modo a experiência de sua própria aventura, que não seja ao mesmo tempo uma pesquisa, uma investigação ou uma indagação a propósito ou à ocasião e, invenção de seu próprio método de trabalho e de seu próprio percurso. Não há ensaio que não inclua em si a vagabundagem do pensamento, que não se arrisque com associações perigosas e aproximações desconcertantes, não há ensaio que não seja acompanhado de sua própria incerteza e da possibilidade de uma guinada ou de uma deriva. (MENIL, Alain. *Entre utopie et hérésie quelques remarques à propos de la notion d'essai*. p. 101. Apud SIQUEIRA, 2006, p. 38)

Não pretendo aqui estabelecer qualquer norma ou regulamentação a respeito da criação de filmes-ensaio, mas sim apresentar uma reflexão gerada a partir de uma experimentação própria, bordando, criando, pensando e somando nesse resultado.

“Averso” é um curta-metragem de nove minutos, com um caráter essencialmente observacional e preenchido com silêncios e ruídos, assemelhando-se ao ato de bordar, em que o sujeito se coloca em uma posição observadora, concentrada, e preferencialmente em silêncio com seu próprio trabalho. O espectador testemunha a vivência de Beatriz com a atividade de bordar; a relação avó-neta e um pouco de história familiar. A voz off narra os detalhes não ditos nas imagens, e os diálogos integram os intervalos ao longo do filme.

Me colocar como atuante e performando com a câmera não era o que pretendia ao iniciar o processo desse filme, porém ao me incluir nesse procedimento, houve uma ampliação na subjetividade e uma maior identificação para quem vier a assistir, retratando momentos familiares entre avós e netas(os). Essa aproximação se dá na medida em que as imagens se manifestam por conta própria, alinhadas aos textos narrados, objetivando uma reflexão para com quem assiste, assim como uma reflexão minha, própria, criativa, que foi surgindo ao longo de toda a trajetória da feitura de “Averso”.

A experiência ao criar um filme-ensaio me proporcionou uma visão diferente de como existem diversos meios possíveis para expressar um pensamento ou uma vivência por meio do audiovisual. A convivência de minha avó com o bordado, assim como minha convivência com ela foram expressas poética e sensivelmente por intermédio de “Averso”. Um filme que seguiu seu raciocínio particular, e que fiquei responsável por propor uma colagem das imagens, transparecendo os momentos vividos, a fim de chamar o espectador para se integrar àquele mundo, conectando e bordando com as linhas de seus próprios pensamentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento de um filme-ensaio, como já citado anteriormente, não se conclui apenas na exibição do mesmo, há uma conversa proposta entre o filme e o público, um diálogo intimista que o filme procura acender dentro de cada espectador. E com “Averso” não é diferente. A intenção com ele é de fazer lembrar nas pessoas que assistam, a sensação familiar

que “Averso” traz, e fazer o público se acomodar no silêncio e introspecção provocados por ele.

A construção dessas linhas bordadas faz do filme um ambiente afável; para mim, montá-las fez parte de uma experiência muito prazerosa, que me possibilitou contar uma história familiar envolvendo esse exercício tão notável que é o bordado, e me aconcheguei nesse vasto universo completamente novo em minha existência, e ao mesmo tempo me parecendo que sempre estive ali, como se o ato de bordar já fizesse parte da minha vida sem eu saber.

Mais do que um trabalho manual, para mim, a prática do bordado se apresentou como uma forma de fazer propagar uma fluidez entre a mente e as mãos, externando o que vem de dentro. Foi uma realidade nova e muito gratificante me encontrar nessa atividade, e mais ainda obter uma forma de aproximação com minha avó, e fazendo ela se aproximar também do meu mundo. Produzindo o filme foi possível reunir esses dois setores, manual e digital, sem perder as características primordiais de cada um, o fascínio e os artifícios gerados pelo cinema; a concentração e zelo dos trabalhos manuais.

O que se manteve sempre durante esse decurso foi a relação bordar/filmar, e o fato de que o bordado possui um poder terapêutico, que é importante ser salientado. Esse trabalho manual faz o tempo discorrer e a mente se esvair nas atividades entre linhas e agulhas, proporcionando um bem-estar mental ao finalizá-lo, o que fica confirmado com o depoimento de minha avó em “Averso” e baseado em minha experiência pessoal com essa prática. Além de ser também uma atividade integradora, que proporciona momentos agradáveis com quem está bordando e com as outras pessoas ao redor, estejam elas na mesma atividade ou não.

E o que restou desse experimento se encontra nas vertentes que “Averso” trouxe para mim, em relação à novas percepções e olhares a respeito de quanta força um trabalho manual pode fazer sobre uma pessoa e de como essa conexão com o bordado pode carregar uma pacificidade na vida de quem borda, pelo menos enquanto as linhas se deparam com o tecido. Me trouxe também uma dimensão de como se fazer um filme; os aspectos e características do filme-ensaio procederam de forma genuína ao longo da realização do mesmo, que me permitiram explorar alternativas pela extensão desse filme.

A partir disso que o filme acarretou, é esperado um reflexo dos espectadores, que eles tragam e ativem suas bagagens ao assistirem-no; que ele seja capaz de atravessar minuciosamente o interior de cada um, convidando a quem vier assistir a fazer parte desse universo que “Averso” criou, tecendo e bordando seus próprios pensamentos conjuntamente

aos que o filme sugere, e que ele possa refletir o contentamento e a satisfação sentidos no momento de sua preparação.

O caminho desse filme foi trilhado em linhas curvas e embaralhadas, equivalente aos bordados percorridos por Beatriz, materializando um arremate em ambos os processos. “Averso” se conclui como um desenho no tecido, tendo passado pelas escolhas de seus dispositivos, engatando-os nessa passagem de idealização, reflexão e concretização.

## **ANEXO 1 – LINK DO FILME**

Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=hio5bWvgZ-c&feature=youtu.be>

## **ANEXO 2 – ROTEIRO DE MONTAGEM**

### **AVESSO**

#### **CENA 01 – Fundo em black**

LUÍSA EM OFF: Vó, posso te fazer umas perguntas? Que que o bordado representa pra você?

#### **CENA 02 – Abre a cena com Beatriz sentada na mesa da copa com um bordado em mãos**

BEATRIZ: Uai, ele representa aquilo que eu não posso fazer de outra coisa (risos) então é um... pra mim é uma terapia. E eu gosto de bordar.

#### **CENA 03 – Plano aberto de Beatriz organizando seus objetos na mesa da copa**

NARRAÇÃO EM VOZ OFF: Hoje minha avó tá com 85 anos. Um dia eu perguntei pra ela o que significava o bordado em sua vida. Ela me disse que era sua terapia. Ela me disse que havia falado com o médico: “Só não me tira o bordado, senão eu morro”.

#### **CENA 04 – Plano aberto da mesa da copa sem Beatriz**

#### **CENA 05 – Close no lado direito do rosto de Beatriz**

NARRAÇÃO EM VOZ OFF: Ela encontrou no bordado um sentido, uma forma de passar o seu tempo.

#### **CENA 06 – Ventilador ligado**

#### **CENA 07 – Beatriz em primeiro plano sentada na mesa da copa**

NARRAÇÃO EM VOZ OFF: E mesmo que ela não possa ficar tanto tempo assim sentada por motivos de sua saúde física, o tempo passa e ela nem vê

#### **CENA 08 – Beatriz sentada na poltrona da sala com os pés apoiados**

NARRAÇÃO EM VOZ OFF: Dentro dessa situação ela fica perdida ali, no emaranhado dos e se mistura com o bordado. Trançado as linhas no tecido, cortando, desenlaçando, refazendo. E assim se passa o tempo e minha avó deixando suas marcas nos lindos desenhos que se formam nesse movimento.

#### **CENA 09 – Close em Beatriz sentada na poltrona da sala**

#### **CENA 10 – Pano bordado exposto à mesa**

#### **CENA 11 – Close nas mãos de Beatriz segurando um bordado**

BEATRIZ EM OFF: Porque o ponto cruz, ele é uma temática. Ou é ou não é.

**CENA 12 – Beatriz sentada na mesa da copa bordando e Luísa apoiada com um braço na cadeira**

BEATRIZ: Ou cê faz certo, ou não dá certo (risos).

LUÍSA: Ou não dá certo (risos). Como assim uma temática? Cê fala um jeito?

**CENA 13 – Beatriz sentada na mesa da copa contando os pontos de seu bordado**

BEATRIZ EM OFF: Um jeito de- é contagem né?

LUÍSA EM OFF: A tá.

BEATRIZ EM OFF: Cê tem que contar

LUÍSA EM OFF: Uhum.

**CENA 14 – Beatriz sentada na mesa da copa bordando e Luísa apoiada com um braço na cadeira**

BEATRIZ: Porque se cê não contar, sai errado.

LUÍSA: É, o outro tipo de bordado ainda dá pra disfarçar o erro (risos).

BEATRIZ: É. Dá procê bordar e conversar.

**CENA 15 – Movimento sobre os óculos de Beatriz posto por cima de um bordado de flor.**

BEATRIZ EM OFF: Agora esse aqui se cê ficar conversando cê erra (risos).

**CENA 16 – Mão de Luísa mexendo em um bordado em ponto cruz e um porta agulha**

NARRAÇÃO EM OFF: O primeiro ponto que eu aprendi, foi o ponto cruz. Um em que minha avó é especialista. Um dia ela tava lá bordando, e eu perguntei: Vó, como faz isso aí?

**CENA 17 – Close no bordado em ponto cruz**

NARRAÇÃO EM OFF: E ela me ensinou. E a gente passou uma tarde inteira de um sábado apenas bordando, só eu e ela. Não foi necessária uma conversa. Só o fato de estarmos ali, imersas, cada uma com seu tecido, sua linha, suas agulhas, foi o suficiente pra gerar uma aproximação.

**CENA 18 – Mãos de Luísa separando uma linha de bordado**

NARRAÇÃO EM OFF: Preenchendo as brechas do tecido com as linhas. Separação do pensamento, embaralhando as ideias, sem cor, nem tamanho nem direção definidas.

**CENA 19 – Movimento sobre diversas linhas de bordado coloridas**

NARRAÇÃO EM OFF: O momento em que a linha passa pela agulha, começa o processo de bordar. O tempo transparece ali.

**CENA 20 – Mão de Luísa passando a linha pela agulha**

NARRAÇÃO EM OFF: Naqueles movimentos de entrelaces das linhas com o tecido por meio da agulha.

#### **CENA 21 – Movimento sobre as linhas de bordado separadas**

NARRAÇÃO EM OFF: As linhas do bordado podem ser comparadas com a do pensamento. São coloridas, entrelaçadas, podem seguir sem fim se for a intenção.

#### **CENA 22 – Close nas mãos de Luísa bordando**

NARRAÇÃO EM OFF: Podem se transformar em um lindo desenho, e se necessárias, cortadas e até retiradas para se entrelaçarem no tecido novamente.

#### **CENA 23 - Beatriz sentada na mesa da copa bordando e Luísa apoiada com um braço na cadeira**

LUÍSA: No final tava... uma perna mais comprida que a outra

BEATRIZ: Uma perna mais comprida- acontece. Acontece até com gente boa (risos) ainda mais com nós.

LUÍSA: Com nós não, a senhora é boa (risos). Eu sou a aprendiz, a senhora é a mestra.

BEATRIZ: A sou.

#### **CENA 24 – Bíblia aberta**

CANTO DE IGREJA AO FUNDO

#### **CENA 25 – Close na página da Bíblia**

#### **CENA 26 – Cruz feita de conchas pendurada na parede, ao lado de um quadro de agradecimento à Jesus, bordado em ponto cruz**

#### **CENA 27 – Quadro pendurado da benção apostólica do Papa para Beatriz**

#### **CENA 28 – Figuras religiosas**

#### **CENA 29 – Primeiro plano em Beatriz com os olhos fechados sentada na poltrona da sala**

#### **CENA 30 – Vídeo de arquivo**

NARRAÇÃO EM OFF: Encontrei essa gravação de 1995. Nela minha avó se encontra concentrada na realização de alguma coisa. Pela sua postura e sua atenção dada ao que ela tá fazendo, me pareceu muito com o jeito que ela fica hoje em dia ao encontro de seus bordados. A cabeça curvada, mãos e braços se movimentando sem parar, total abstração da realidade a sua volta.

#### **CENA 31 – Sequência de fotos de Beatriz**

#### **CENA 32 – Vídeo de arquivo**

NARRAÇÃO EM OFF: Desde pequena vi minha avó fazendo algum tipo de trabalho manual. Principalmente na cozinha, ir para a casa dela nas férias significava muito pão de queijo e bolo de chocolate. Mas além de cozinhar, eu também sempre a via elaborando algum tipo de trabalho com tecidos e linhas.

### **CENA 33 – Sequência de fotos de Beatriz e Luísa**

NARRAÇÃO EM OFF: Ela sempre costurou, a vida toda, só mais tarde fui descobrir que o que ela fazia ali com aquelas agulhas e linhas coloridas era uma arte chamada de bordado.

### **CENA 34 – Vídeo de arquivo**

### **CENA 35 – Luísa passando a câmera para Beatriz**

LUÍSA: Vó, tive uma ideia. Porque que a senhora não me filme um pouco?

BEATRIZ: Hãn?

LUÍSA: A senhora não me filma um pouco?

BEATRIZ: Eu não sei mexer com isso não (risos).

LUÍSA: Não, é só segurar assim ó, já tá- já coloquei aqui pra filmar.

### **CENA 36 – Beatriz filmando enquanto Luísa borda**

LUÍSA: É que eu fiquei tanto tempo filmando a senhora, agora você me filma (risos).

### **CENA 37 – Luísa mostrando para Beatriz uma lente de uma câmera**

LUÍSA EM OFF: Que que cê tá achando? De tá desse lado agora da câmera?

BEATRIZ EM OFF: Uai, tá interessante (risos). Filma as vezes também?

LUÍSA EM OFF: Uhum.

BEATRIZ EM OFF: (Risos).

### **CENA 38 – Luísa bordando**

BEATRIZ EM OFF: Saiu a pergunta. Então tá.

### **CENA 39 – Beatriz passando a câmera de volta para Luísa**

LUÍSA EM OFF: A senhora gostou de filmar?

BEATRIZ: Gostei! (Risos) legal (risos).

### **CENA 40 – Sequência de fotos de Luísa mexendo em computadores**

NARRAÇÃO EM OFF: Quando eu era adolescente, minha avó me chamava de "menina do computador", porque eu sempre estava mexendo em um quando ela ia visitar a gente.

### **CENA 41 – Luísa mexendo no computador**

NARRAÇÃO EM OFF: Até hoje ainda mexo bastante, mas eu fico impressionada mesmo com o que ela faz com o celular hoje em dia.

### **CENA 42 – Beatriz mexendo no celular**

NARRAÇÃO EM OFF: Ela fica um tempão assistindo vídeos, ouvindo e mandando áudios e respondendo as pessoas.

**CENA 43 – Sequência de fotos de Beatriz mexendo no celular**

NARRAÇÃO EM OFF: Mas hoje ela não me chama mais assim

**CENA 44 – Fundo em black**

NARRAÇÃO EM OFF: Vó, me ensina a bordar?

**CENA 45 – Créditos**

## REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2002. - (Coleção primeiros passos; 171)

ALMEIDA, Rafael De. **Entre a chegada e a partida: reciclagens do cinema doméstico no filme-ensaio**. Revista Matrizes. V.11 - Nº 2 maio/ago. 2017 São Paulo - Brasil p. 271-286. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/122227/133223>>. Acesso em: 04/06/2018

ALMEIDA, Rafael De. **Do espectador pensativo à imagem pensativa: fotografia e filme-ensaio**. Rev Famecos (Online). Porto Alegre, v. 24, n. 2, maio, junho, julho e agosto de 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/25025>>. Acesso em: 04/06/2018.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 1981.

FONSECA, Erika Luiza. **O Bordado como Representação Simbólica no Atendimento Arteterapêutico**. ARTEREVISTA, n. 5, jan./jun. 2015, p. 43-56

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Tradução Paulo Neves; revisão técnica Sheila Schwartzman - São Paulo: Brasiliense, 2003.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Trad. Mônica Saddy Martins. - 5ª ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Coleção Campo Imagético).

SIQUEIRA, Marília Rocha De. **O Ensaio e as Travessias do Cinema Documentário**. Junho 2006. 186 páginas. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pós-Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-6WLHMK/mariliarocha\\_dissertacao.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/VCSA-6WLHMK/mariliarocha_dissertacao.pdf?sequence=1)> Acesso em: 04/06/2018.